

Bruna Giuliano Claro da Silva

A DIFICULDADE PERANTE AS ESCOLHAS, A TEMPORALIDADE E A MEMÓRIA:  
UMA INTERPRETAÇÃO DO FILME 'O EFEITO BORBOLETA I' À LUZ DA  
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

Bruna Giuliano Claro da Silva

A DIFICULDADE PERANTE AS ESCOLHAS, A TEMPORALIDADE E A MEMÓRIA:  
UMA INTERPRETAÇÃO DO FILME 'O EFEITO BORBOLETA I' À LUZ DA  
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. João Pedro Perosa e Prof<sup>a</sup>. Ida Cardinalli

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

## Resumo

Este trabalho pretende tratar de assuntos como a temporalidade, memória, sofrimento perante as escolhas da vida, a propriedade sobre essas escolhas e o passado de cada um. A investigação destes assuntos se dará através de uma aproximação das idéias da fenomenologia propostas pelo pensador e filósofo alemão Martin Heidegger em sua obra *Ser e tempo* (1927). Este estudo tem por objetivo se aproximar das idéias propostas por Martin Heidegger para, por meio delas, fazer uma análise do filme *Efeito Borboleta* (2004) buscando investigar, através de uma obra cinematográfica de ficção, a explicitação dos temas propostos. Este ensaio consiste em um trabalho teórico que, a partir de um breve embasamento do pensamento fenomenológico heideggeriano, tem a proposta de fazer uma análise e possíveis relações com o que se mostra no filme *Efeito Borboleta*.

Palavras-chave: fenomenologia, temporalidade, apropriação, memória, culpa.

## **Sumário**

Introdução.....	p. 1
Capítulo I – O pensamento heideggeriano .....	p. 4
I. 1 – Temporalidade .....	p. 12
I. 2 – Memória.....	p. 16
Capítulo II – Descrição do filme .....	p. 19
Capítulo III – Análise do filme.....	p. 23
III. 1 – Angústia, escolhas e incertezas.....	p. 23
III. 2 – Temporalidade e Memória.....	p. 27
III. 3 – A Culpa.....	p. 30
Capítulo IV – Considerações finais .....	p. 34
Capítulo V – Referências Bibliográficas.....	p. 36

## Introdução

Este trabalho pretende tratar dos assuntos de temporalidade, memória, o sofrimento perante a dificuldade de se fazerem escolhas no decorrer da vida, a propriedade sobre estas escolhas e o passado de cada um. A investigação e compreensão destes aspectos têm como fonte teórica a linha de pensamento da Fenomenologia proposta pelo pensador e filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976). A relevância de um olhar aprofundado para esses temas é grande, pois se tratam de assuntos com os quais todos os seres humanos têm um estreito envolvimento, colocando em foco aspectos com os quais lidamos em todos os momentos de nossas vidas.

Este estudo tem por objetivo se aproximar das idéias propostas por Martin Heidegger para, por meio delas, fazer uma análise do filme *Efeito Borboleta* (2004) buscando investigar os temas propostos tomando como método de investigação a Fenomenologia Hermenêutica proposta por Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927), que consiste numa busca de acesso aos sentidos que o filme contempla, dos fenômenos que se mostram.

Este ensaio consiste em um trabalho teórico que, a partir de um breve embasamento do pensamento fenomenológico heideggeriano, tem a proposta de fazer uma análise e possíveis relações com o que se mostra no filme *Efeito Borboleta*. (EUA, 2004) dos diretores Eric Bress e J. Mackye Gruber.

O filme *Efeito Borboleta* (2004) chamou minha atenção por ser uma obra de ficção, mas que abarca questões muito recorrentes e marcantes em nossa vida. A maneira como se lida com o tempo e como a história explicita a nossa vontade, muitas vezes, de se poder voltar ao passado e corrigir coisas que foram feitas, e o poder que as escolhas feitas têm em nossas vidas, foram assuntos que muito me interessaram no filme. Além disso, a história tem um romance envolvido em sua trama, mas por mais que ele esteja presente por todo o filme, a percepção que se tem não fica como uma simples história romântica, tendo muitos outros assuntos e questões em seu enredo. A memória, as lembranças que vamos guardando ao longo de nossa vida também é um aspecto enfocado pelo filme que me chamou a atenção; a maneira como ao recordarmos de algo

somos realmente transportados, de alguma forma, para determinadas situações, relembrando sentimentos, emoções e acontecimentos. E é isso que nos dá a oportunidade de repensar atitudes tomadas no passado e ressignificar experiências vividas.

A escolha pela teoria da fenomenologia se deu por uma grande identificação com os seus conceitos; da visão de homem como um ser-aí, aberto para possibilidades e, dessa forma, tendo que lidar com suas escolhas e incertezas, de como são vivenciadas as situações de angústia pelas decisões tomadas, da forma como o Dasein (o ser-aí) se encontra no tempo e lida com isso, e de como somos atingidos por nossas lembranças. A leitura de Heidegger e autores que o citam, como Benetido Nunes e Marco Antônio Casanova, permitiram uma melhor compreensão do pensamento fenomenológico perante as questões propostas.

O trabalho consistirá em um primeiro Capítulo teórico que irá expor algum dos conceitos de homem segundo uma visão heideggeriana, além de focalizar para as idéias de Temporalidade e Memória. O segundo Capítulo trará a descrição do filme tratado. No terceiro capítulo serão expostas as análises feitas. Este terceiro será dividido nos subtítulos “Angústia, escolhas e incertezas”; “Temporalidade e memória” e “A Culpa”. E o quarto e último capítulo que consistirá nas considerações finais do trabalho.

O presente trabalho consiste em uma análise de filme. Este é um caminho de pesquisa que tem sido realizado em fenomenologia e que se mostra bem rico e interessante, assim, como a análise de fragmentos literários, poesias e obras de arte. Trata-se de fazer uma Fenomenologia hermenêutica em que se visa o desvelamento dos possíveis sentidos que permeiam a vida dos personagens envolvidos nessa produção fílmica, obras literárias ou de arte. São possíveis cenários de sentidos para esses enredos.

A expressão “fenomenologia” significa, antes de tudo, um *conceito de método*. Não caracteriza a qualidade real dos objetos de investigação filosófica, o quê dos objetos, mas o seu modo, o *como* dos objetos. (HEIDEGGER, 2009, p. 66).

Esta análise de filme trata-se de uma hermenêutica não obviamente alicerçada numa teoria psicológica, mas na própria existência, poderíamos falar de uma hermenêutica da facticidade. Das condições dadas (não escolhidas) pelo ser-aí e o

âmbito de suas opções, de seus posicionamentos frente a essas condições. A liberdade do Dasein somente acontece em meio à facticidade. O homem é livre, mas não é livre para deixar de sê-lo.

Os filmes e as obras literárias oferecem seus enredos e, certamente, os diferentes sinais que podem ser os modos dos fenômenos se mostrarem. Fenômeno, segundo Heidegger (2009) é aquilo que se revela, que se mostra em si mesmo. “Ora, o ente pode-se mostrar por si mesmo de varias maneiras, segundo sua via e modo de acesso. Há até a possibilidade de o ente mostrar-se como aquilo que, em si mesmo, ele *não é*.” (p. 67) No método fenomenológico hermenêutico vai-se em busca do desvelamento do sentido dos fenômenos. Os equívocos vividos pelo personagem, a sua trajetória existencial, darão pistas desses possíveis sentidos. Na verdade, estamos diante da possibilidade de projetar sentidos para essas historias. “Sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente visualizado.” (HEIDEGGER, 2009, p. 408). Sentido é o rumo, a direção do existir do Dasein.

Nesse trabalho de pesquisa entende-se que o uso dos existenciais presentes na ontologia de Martin Heidegger podem ser utilizados para análise desde que não tomemos esses existenciais como categorias de análise. Com relação ao trabalho tomando-se o filme ‘O efeito borboleta I’ como fonte de análise, a pesquisa se utilizará de alguns existenciais contemplados em *Ser e tempo (1927)* como: a impropriedade do ser-aí; a disposição para angústia, o temor e a finitude...

## Cap. I – O pensamento heideggeriano

Neste capítulo nos aproximaremos de alguns posicionamentos apresentados na ontologia fundamental de Martin Heidegger (1889 – 1976). Pensador e filósofo alemão que desenvolve essa ontologia no livro *Ser e Tempo* (1927). A ontologia de Heidegger volta-se para a explicitação do ‘sentido do ser’ e sustenta a importância de pensar o ser e seu sentido, questão esta esquecida pelo pensamento metafísico do ocidente. O pensamento metafísico caracteriza-se por interpretar ‘o ser’ de modo objetivado, ou seja, como algo que é permanente do ente, sua substância, sua essência, sua condição atemporal e universal. O pensamento de Heidegger nos permitirá entender o homem para além de uma compreensão objetivada, ele mostrará que ‘ser’ é abertura de possibilidades, nesse sentido pode-se dizer que ser é e não-é, e sim dá-se.

(...) o não-ser é parte inseparável do ser. Para que se compreenda o significado do termo “existir”, é preciso que haja conhecimento do fato de que ela (a pessoa) poderia não existir, de que se encontra passível, a cada momento, de despencar no abismo que a separa de uma possível destruição, e jamais poderá escapar do fato de que a morte virá em algum momento desconhecido no futuro. A existência, nunca automática, pode, não só ser eliminada e confiscada, como também se acha, a cada momento, ameaçada pelo não-ser. (...) Mas com a confrontação diante do não-ser, a existência assume vitalidade e objetividade, e o indivíduo experimenta, então, um fortalecimento da consciência de si mesmo, de seu mundo e dos outros ao seu redor. (MAY, 1993 p. 115)

Ser é tempo, neste sentido não se procura por conceitos, definições atemporais e sim o modo como ser e seu sentido se mostram no âmbito do tempo, da existência do homem. Ser mostra-se como abertura de possibilidades inscritas no tempo: ter-sido (passado), sendo (presente) e vir-a-ser (futuro). O sentido do ser é mutável. O pensador designa o homem por Dasein (ser-aí) justamente para poder ressaltar a correspondência de uma unidade entre homem e ser.

O pensamento ocidental contemporâneo foi e ainda é fortemente influenciado pelas ciências naturais, pelo positivismo, que se voltam para as relações Sujeito - Objeto, vistos separadamente. Este modo de pensar deu ênfase nas relações causais, no determinismo e na busca pelo controle e domínio sobre os entes – atuando nas causas e alterando os resultados (efeitos). Ao considerarmos o homem como existente, ele não é determinado por algo pré-dado, ele é de certa maneira liberdade de poder-ser.

É nessa maneira de compreender o homem como ser-aí que Heidegger observará a essência do homem como sendo sua existência. E existir é estar lançado para as possibilidades de poder ser. O âmbito das decisões feitas pelo homem ancora-se em incertezas que ele deverá assumir contando com os riscos, as conseqüências dessas decisões.

Para as ciências humanas e principalmente para a psicologia temos que considerar que o ser-aí se move segundo seus posicionamentos e que estes estão ancorados numa compreensão e interpretação daquilo que se apresenta ao Dasein, do que está presente em seu mundo. Considerando o ser-aí como existente e, portanto, aberto a possibilidades, ele é livre para decidir/escolher segundo as tramas de sentidos que se abrem para ele. Mas a angústia é o próprio confronto com sua liberdade, ter que escolher sem estar o homem ancorado em apoios universais e em verdades absolutas traz um desconforto, uma insegurança.

A aproximação do pensamento de Heidegger poderá fornecer indicações importantes para uma reflexão do filme “Efeito Borboleta I” (2004), dos diretores Eric Bress e J. Mackye Gruber, uma vez que esse filme nos remete à compreensão de que toda e qualquer decisão tomada pelo homem repercute em possibilidades que não temos como prever e controlar totalmente.

A respeito da existência do homem, diz Nunes (1992):

(...) a natureza humana se problematiza a partir da existência (...). A questão do ser põe o homem em questão. Não podemos conceber o que é o homem, a sua essência, independentemente da essência do Dasein. “A essência do Dasein consiste em sua existência”. (SZ, p.42), e a sua existência é o ser relativamente ao qual o Dasein se compreende como si mesmo. (HEIDEGGER, apud, NUNES, 1992, p. 75)

O Dasein é o ente que existe, e na sua existência abrem-se várias possibilidades de ser. “Chamamos de existência o ser relativamente ao qual o Dasein pode conduzir-se desta ou daquela maneira e sempre se conduz de alguma maneira” (HEIDEGGER, apud NUNES, 1992, p. 68)

O Ser-ai está sempre sendo, ele sempre se direciona a ser de alguma maneira em virtude de suas escolhas. Os outros entes não possuem essa possibilidade de direcionarem-se a serem modos distintos, eles não estão abertos a estas diferentes

possibilidades de ser, na verdade, eles não existem se tomarmos o sentido de existir não como ter uma realidade palpável, concreta, e sim, articulada às possibilidades de ser. Heidegger chega a dizer que os minerais e os vegetais não têm um mundo, que os animais são pobres de mundo e os homens gestam mundos. Mundo aqui deve ser entendido como contexto de familiaridade, como rede de relações, de significação e sentidos que o homem se aloca, se vincula e pode se sentir pertencente e muitas vezes também não (angústia).

*“ele (o ser-aí) só se descobre em seu ser na medida em que já assume um modo possível de ser.”* (CASANOVA, 2006, p. 15) Desta maneira, Dasein está sempre sendo, ele tem de ser sempre algo, tem que cuidar da sua existência. *“A essência deste ente (o Dasein) está em ter de ser...”* (HEIDEGGER, 2009, p. 85)

O ser-aí se efetiva em um modo de ser específico em seu próprio existir. Neste sentido, ontologicamente, o homem não é um ser estipulado previamente, ele não tem uma determinação anterior, ele se faz existindo, sendo o seu ser-aí.

(...) A “essência” da presença está em sua existência. As características que se podem extrair deste ente não são, portanto, “propriedades” simplesmente dadas de um ente simplesmente dado que possui esta ou aquela “configuração”. As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso (...) (HEIDEGGER, 2009, p.86)

Casanova (2006) afirma esta idéia dizendo:

O ser-aí é um ente que só se determina em seu ser por meio de sua própria existência, ele não é nada previamente constituído em seu ser. Como ele não é nada previamente estabelecido em suas determinações ontológicas, todas as suas características possuem o caráter de possibilidade. (p. 15)

Desta maneira, a compreensão de Dasein como possibilidades de ser mostra que ele não é um ser estático, e ao assumir uma possibilidade não fica necessariamente congelado em tal maneira de ser. O Dasein está em constante mudança nesse movimento de ser e não ser algo, sempre numa escolha de si.

A liberdade é o poder-ser livre. Se a essência do homem consiste na existência, a sua conduta, seja autêntica ou inautêntica, faça-se ou não com o que tem de mais próprio, implica sempre uma escolha de si. (NUNES, 1992 p. 113)

Por outro lado as possibilidades de ser se apresentam para o Dasein num determinado mundo, em um determinado contexto no qual o homem constitui e é

constituído. Assim, sendo no mundo, suas possibilidades são cerceadas de acordo como esse mundo se apresenta para o ele.

O ser-aí não é um ser-no-mundo porque se encontra primariamente disposto como sujeito em uma ligação teórica com o mundo. Ao contrário, ele é essencialmente um ser-no-mundo porque sua existência o lança de imediato para o interior do descerramento de mundo como horizonte limitador de suas possibilidades ontológicas. Toda concretização de si mesmo como poder-ser nasce, assim, em sintonia com o limite que o mundo é. (CASANOVA, 2006, p. 23)

Deste modo, o entendimento do homem livre para escolhas e com possibilidades de ser corresponde ao âmbito ontológico. Heidegger (2001) esclarece que o âmbito ontológico é primordial, comum à existência do homem e que possibilita os desdobramentos no mundo ôntico. Ôntico é o mundo em que se vive, é onde os fenômenos são perceptíveis sensorialmente. O homem é livre no âmbito ontológico e possui várias possibilidades, mas o desdobramento disso no mundo ôntico é restringido; as possibilidades se apresentam em um mundo no qual o homem se encontra. Os aspectos ontológicos do homem se mostram e chegam ao ser-aí através do mundo ôntico.

A realização das possibilidades do Dasein ocorre no mundo em que ele vive. Este mundo é constituído e constituinte do Dasein. O homem é ontologicamente ser-no-mundo, pois ele só é em um mundo.

Neste sentido, Heidegger não compreende o homem segundo a divisão sujeito e objeto, não supõe a separação de que algo é apenas interno do homem e os objetos são externos, existindo um mundo independentemente do homem, pois “a expressão ser-no-mundo, já na sua cunhagem, mostra que pretende referir-se a um fenômeno de unidade.” (HEIDEGGER, 2009, p. 98), de totalidade. Para Heidegger, homem e mundo são indissociáveis.

“ O Dasein deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si...” (HEIDEGGER, 2001, p.182). O ser humano só é no mundo, de forma que Dasein e mundo sejam interdependentes e indissolúveis. Os entes presentes no mundo não aparecem como algo em si, eles aparecem apenas em uma relação com o Dasein, se apresentando para ele. Desta maneira, o Dasein se constitui na relação com

os entes e com os outros homens. Dasein não existe sem mundo e o mundo não existe sem Dasein.

O homem não está dentro do mundo como se fosse um recipiente no qual ele está inserido, pois Dasein e mundo são constituídos mutuamente. “O mundo que está ai diante de nós não é ente ou receptáculo de objetos. Só no mundo os entes se nos tornam acessíveis, inclusive o Dasein, que não está dentro do mundo.” (NUNES, 2004, p.15).

Dessa maneira, o Dasein sendo no mundo ele se encontra com a impessoalidade. O ser-aí tem que estar constantemente cuidando de seu ser, lidando com suas próprias escolhas, porque o ser é de cada Dasein. A tarefa de cuidar de si, de se apropriar de si o tempo inteiro, é muito pesada, por isso, viver no impessoal, “cair no mundo” é tentador para o Dasein. “A pretensão do impessoal de nutrir e dirigir toda “vida” autenticamente, *tranqüiliza* a presença, assegurando que tudo “está em ordem” e que todas as portas estão abertas.” (HEIDEGGER, 2009, p. 243)

O Dasein, não se apropriando do que acontece com seu ser ele “descansa” da tarefa de ser o comandante do ser e de si mesmo. É por isso que a impropriedade mostra-se tentadora, pois ela alivia a tarefa de ter que ser e de poder ser do ser-aí. Alivia o ser-aí da responsabilidade e culpa por seus empenhos, encobre a angústia de poder recortar um sentido que lhe é próprio.

A presença se constitui pelo caráter de ser minha (...) O ente, em cujo o ser, isto é, sendo, está em jogo o próprio ser, relaciona-se e comporta-se com o seu ser, como a sua possibilidade mais própria. A presença é sempre sua possibilidade(...) E porque a presença é sempre essencialmente sua possibilidade ela pode, em seu ser, isto é, sendo, “escolher-se”, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se “aparentemente”. A presença só pode perder-se ou ainda não se ter ganho porque, segundo seu modo de ser, ela é uma possibilidade própria, ou seja, é chamada a apropriar-se de si mesma. Os dois modos de ser propriedade e impropriedade – ambos os termos foram escolhidos em seu sentido rigorosamente literal – fundam-se em a presença determinar-se pelo caráter de ser sempre minha. (HEIDEGGER, 2009, p.86)

O Dasein, estando lançado no mundo sem uma natureza humana, sem determinações previamente dadas, vive um certo desabrigo, o desabrigo de estar entregue a si mesmo. Heidegger ao relacionar essa experiência com o sentimento de angústia mostra que essa angústia pode ser vivida impropriamente como temor, como

medo. O âmbito da impropriedade lhe oferece abrigo, conforto, uma vez que ele legisla e dá parâmetros de como ser.

A disposição para a angústia revela essa condição de desabrigo na medida em que há uma ruptura dos sentidos vividos pelo ser-aí. Angústia para Heidegger é esvaziamento de sentido, portanto, uma espécie de desalojamento de mundo. Ao mesmo tempo a angústia abre a possibilidade do ser-aí ser-si-mesmo-próprio, apropriar-se de si, de suas escolhas.

O Dasein se temORIZA pelo seu próprio ser, esse temor é o que Heidegger chama de angústia. A angústia, para Heidegger, é ontológica, ela é esse temor sobre o próprio ser do Dasein. Mas a angústia é diferente do medo, ela não é um simples temor de algo, ela não tem um objeto especificado, ela abrange todo o mundo em que o Dasein se encontra. O temor de algo tem objeto, tem um de que. O temor é o modo impróprio da angústia. Na angústia a experiência é do 'nada', é a experiência de ausência de sentido.

Ao contrário do medo, que se manifesta sempre por via de um ente determinado, intramundano<sup>1</sup>, de que a ameaça provém, o perigo, que se declara na angústia, e que não nos expõe a prejuízo real ou a efeito nocivo imediato, carece de objeto. O que nos ameaça não "está em parte alguma. A angústia não sabe o que é aquilo ante que se angustia. (HEIDEGGER, apud NUNES, 1992, p.109)

Heidegger pensa a angústia como um fenômeno fundamental, ela não é como os outros sentimentos que se manifestam peculiarmente, a angústia estaria em um âmbito mais primordial, ela desvela o Dasein para o que tem de seu poder-ser mais próprio. A angústia é uma abertura privilegiada na medida em que paralisa o movimento da impropriedade e coloca o ser-aí diante de si-mesmo – possibilidades para o ser-si-mesmo-próprio. Ser si mesmo próprio para Heidegger significa a apropriação de uma escolha, ou seja, decisão por uma possibilidade de ser.

Na angústia, a ameaça não tem um caráter real de nocividade, de um prejuízo concreto. O perigo que se mostra na angustia não está em parte alguma, "o não-saber da angústia é relação com algo que não é intramundano. O que nela é temido se desloca para o mundo." (NUNES, 1992, p. 109). Assim como diz Nunes, o perigo que nos espreita em toda a parte, é o mundo como um todo. A angústia é uma perda de familiaridade com o mundo, os entes que cercam o Dasein já não são mais familiares.

“(...) a angústia situa-nos no mundo, que se torna infamiliar e inóspito. Angustiar-se é não mais nos sentirmos em casa (. . .)” (HEIDEGGER, apud NUNES, 1992, p. 110)

Na angústia, ocorre certa ruptura de mundo; e tudo é visto com estranhamento e com falta de familiaridade. Nessa quebra com o mundo, o Dasein é jogado para um contato consigo mesmo, com a procura de si mesmo. “O fundo ameaçador da angústia – a essência do perigo – não é, portanto, uma possibilidade qualquer, mas o poder-ser si-mesmo da existência. (NUNES, 1992, p. 111). Nesse desabrigo do mundo se revela a possibilidade de encontro com o si mesmo mais próprio, “é afinal o Dasein mesmo que nos angustia, porque já sem a proteção do cotidiano, revelando-se, então, nesse sentimento; o poder-ser livre, a possibilidade de escolha, desapossado da familiaridade com o mundo...”(NUNES, 2004, p.19). Frente à decisão, à escolha, o Dasein se angustia, mas é aí que se mostra o poder-ser mais autêntico do Dasein.

A angústia quase nunca é desvinculada do sentimento de dor, do sentimento de incômodo, e nessas condições, o Dasein foge continuamente dela. Escolhas e decisões trazem a angústia e a ameaça ao ser, mas é nesse incômodo da angústia que se tem a chance de uma nova possibilidade. Para Heidegger o ser si mesmo de uma maneira própria é se apropriar de uma escolha e se responsabilizar por ela. Apropriando-se de uma escolha o Dasein se responsabiliza também por todas as outras possibilidades não escolhidas, ele se responsabiliza por não ter escolhido outra possibilidade. Desta forma, o Dasein nunca tem a certeza de qual escolha fazer. Isto é um fardo pesado para o Dasein, isto é, ter que cuidar sempre de si mesmo é uma tarefa árdua. Quando o Dasein se depara com o desabrigo da infamiliaridade do mundo, decisões e escolhas são colocadas em jogo, e daí o aparecimento da angústia. Escolhas e decisões aparecem porque Dasein é livre; e precisa cuidar de seu ser que está lançado em um leque de possibilidades.

Nunes (1992) esclarece que a angústia e a finitude aproximam o poder-ser-livre, quando diz:

A angústia heideggeriana é a vertigem da liberdade, porém, mergulhando na finitude do Dasein. Seu abrir originário, que dá a essa disposição um alcance fenomenológico privilegiado, incide no poder-ser livre... (p. 112).

O homem sendo ser-aí tem uma única certeza em sua vida: a de seu fim. “ É como ser-no-mundo que o homem existe, e é como ser-no-mundo que chega a ser o que é, no

limite insuperável de sua finitude.” (NUNES, 1992, p. 121). O Dasein é um ser finito, com o término certo de sua existência.

O Dasein se descobre como poder-ser. Mas sendo essa possibilidade sempre minha, ela seria a todo instante recuperável, a existência se prolongando infinitamente. Mas desde o princípio o Dasein está predeterminado pelo seu fim. Basta o homem viver, que já é bastante velho para morrer, reza antigo provérbio alemão. Então a morte é esse fim “como possibilidade da impossibilidade”. Estamos diante do não ser como essência da existência. Eis em que consiste o ser-para-morte. “O Dasein não tem um fim aonde chega e simplesmente cessa, mas existe finitamente. (HEIDEGGER, apud NUNES, 2004, p.22)

O Dasein é finito. Essa possibilidade da impossibilidade é a única coisa que se tem por certo na vida do homem, ou seja, que em algum momento sua existência terá um fim. “Somente a possibilidade de não-ser garante a apropriação de si mesmo por parte do Dasein, que existe em sua liberdade (...)” (NUNES, 1992, p. 121). A partir do momento que o Dasein apreende sua finitude é que ele se aproxima de seu ser mais próprio, é que ele começa a “gerenciar” a sua existência, pois ela não será infinita, então ele se responsabiliza pelo que fará de seu existir nesse período de vida.

A morte propriamente dita não é a questão do Dasein, sua questão está vinculada com a compreensão de ser mortal, de ter uma finitude. A partir do momento que o Dasein encara essa sua possibilidade de não possibilidade, portanto, seu fim, ele tem a responsabilidade de fazer escolhas e decisões sobre o que fará de seu ser durante sua vida, que possibilidades ele se apropriará, pois um dia, a única possibilidade que ele terá será o não ser mais.

Com a certeza de seu fim, o Dasein está sempre se projetando, determinando o seu existir de acordo com algo que virá acontecer, no caso, a morte.

Essa anterioridade da Ontologia fundamental está garantida pela própria estrutura do ser humano, que existe projetando-se (...) Ontologicamente falando, o homem deixa de viver porque morre, e morre porque lhe é inerente o morrer, enquanto poder-ser de cada qual. (NUNES, 1992, p. 119)

O homem tem que lidar com a sua finitude, e é esta condição ontológica de ser para morte que abre para o Dasein a temporalidade, tendo assim como questão o tempo. A existência do Dasein não é eterna e o Dasein é um ser temporal.

## I. 1 – Temporalidade

A compreensão do tempo é algo sempre muito complexo e misterioso para o ser humano. Desde os grandes filósofos de nossa história até os estudos das ciências naturais, sempre se tentou entender, compreender e até, de alguma forma, controlar esse fenômeno tão importante. Neste segmento do trabalho será apresentado o fenômeno da temporalidade por uma visão de Heidegger e, posteriormente, serão feitas possíveis relações com o filme *Efeito Borboleta* e com a nossa vida cotidiana.

A maneira com que lidamos com o tempo no dia a dia, se dá através do tempo do relógio. É a partir do relógio que nos organizamos, que lidamos com o mundo. Esse instrumento de “marcar” o tempo é uma forma compartilhada (comum a todos os entes de um determinado mundo), pelo uso de um instrumento, que encontramos para entrarmos em contato com o tempo e “administrá-lo” em nossa rotina

Quando olhamos o relógio e vemos uma determinada hora, parece que, a partir disso, sabemos em que momento estamos, naquele determinado instante são tantas horas. O olhar as horas é como se fosse um registro, uma verificação de um tempo imediato, o ‘agora’, a marcação de um instante.

Eu nem poderia ver as horas se eu não dissesse: *agora* são tantas horas, quer eu pronuncie o agora ou não. O fato de que este agora quase sempre não é pronunciado mostra, justamente, que o “agora” é pré-dado evidentemente. Mas é sempre agora só quando vocês olham as horas? Não. Também quando não olho as horas, mas, por exemplo, olho pela janela, é agora. Então é sempre agora? É sempre um outro agora? por que cada agora é diferente? É mais cedo ou mais tarde. Se um agora anterior se tornasse novamente agora, assim como o agora justamente agora é um agora, então o tempo precisaria andar para trás. Isto ele não faz. Mas como anda o tempo? O tempo *passa*. Estranho; ele passa e ao mesmo tempo está *parado*. Fala-se também do curso do tempo. (HEIDEGGER, 2001, p. 60)

Assim que olhamos os ponteiros do relógio posicionados de uma determinada maneira, fazemos uma relação daquela posição com a hora que se mostra, com o momento em que estamos. Se olhamos pela janela e vemos que está claro, sabemos que naquele instante é dia. “Eu determino todo agora *relacionado a algo*.” (HEIDEGGER, 2001, p. 60) Para determinarmos um instante, relacionamos algo àquele momento.

Apesar dos ponteiros do relógio sempre fazerem um movimento circular repetitivo, nós sabemos que o tempo nunca é o mesmo. Os ponteiros do relógio podem parar de girar, mas o tempo não vai parar, pois o tempo passa, anda para frente.

...as partes do tempo não são simultâneas, mas necessariamente *sucessivas*. O espacial é ao lado, sobre ou após o outro, enquanto espaços de tempo são sempre um após o outro. O tempo é unidimensional... Todos os agoras são subseqüentes. Evidentemente, precisamos agora olhar o agora de maneira mais exata. Qual é a distancia do agora para o naquele tempo e o depois? O naquele tempo mais próximo do agora é o *acaba de*, o mais próximo do depois é o *logo a seguir*. Cada agora que dizemos é simultaneamente, também, um *acaba de* e um *logo a seguir*, isto é, o tempo a que nos dirigimos com o nome de "agora" tem em si um *lapso*. Todo agora tem em si, também, um *acaba de* e um logo a seguir. (HEIDEGGER, 2001, p. 61)

Dessa maneira, percebemos o tempo em diferentes direções. Há três maneiras de falarmos do tempo: O agora, o imediato que se relaciona com o presente; o acaba de, o deixado para trás se remete ao passado, e o logo a seguir, algo que está por vir, que tem a ver com o futuro. Portanto, quando falamos do tempo, e da nossa relação com ele, usamos essas três maneiras de nos dirigirmos; passado, presente e futuro.

Todas as três dimensões do tempo (passado, presente e futuro) são co-originárias, pois não há uma sem a outra, todas as três são, para nós, co-originariamente abertas, mas não são *equitativamente* abertas. Ora uma, ora outra dimensão com a qual nos relacionamos, em que estejamos até presos, é determinante. Nem por isso as outras duas dimensões desaparecem em cada caso, apenas são modificadas. As outras dimensões não subjazem a uma simples negação, mas a uma privação. (HEIDEGGER, 2001, p 75)

Em nossa relação com o tempo nós não ficamos fechados estritamente em uma dimensão. O presente não é presente por si só, ele é um 'acaba de' e um 'logo a seguir'. Mesmo quando falamos o agora não ficamos parados naquele determinado instante. As dimensões temporais são co-originárias, não tem como lidar apenas com uma dimensão, se está sempre em relação com as três dimensões. Quando um momento passado é referido, pode-se dizer que se está preso na dimensão de tempo passado, mas não é por isso que as outras dimensões deixam de existir, desaparecem. O momento em que se refere ao passado é presente, pode-se estar se referindo a esse momento passado graças a algo que virá acontecer no futuro. Ao se referir a um tempo passado, por exemplo, as outras dimensões temporais não somem.

Nosso contato com o relógio não é uma leitura do tempo, olharmos as horas não significa encararmos propriamente o tempo. O relógio é o instrumento pelo qual encontramos uma maneira de lidar com o tempo na nossa vida do dia a dia.

Não se determina o tempo como tempo. O tempo não é dado como tal, mas indica apenas *quanto* tempo o relógio mostra. Medimos o tempo pelo uso do relógio. Mas nunca medimos com isso o que há com o próprio tempo, como o que ele mesmo deve ser determinado. O discurso da *determinação do tempo* é ambíguo. Verificar as horas pelo uso do relógio significa sempre: verificar quanto tempo, quantas horas são. Embora ao olhar o relógio eu me ocupe do tempo, é sempre com referência a um *quanto* de tempo. (HEIDEGGER, 2001, p. 68)

Quando dizemos ontem, hoje, amanhã estamos nos relacionando com o tempo de uma forma mais primordial do que a de olhar os ponteiros do relógio “Pois, esta verificação do tempo de acordo com o relógio é apenas uma determinação aritmética de cada hoje, ontem, amanhã. Só podemos usar um relógio porque, para nós, há, de antemão, um hoje, um amanhã e um ontem” (HEIDEGGER, 2001, p. 69)

O homem tem uma relação com tempo, espaço e causalidade. As ciências naturais, em seus experimentos, demonstram um controle e uma precisão com o tempo, mas seria essa uma forma de se ter um real contato com esse fenômeno?

Como homem, ele está de antemão em relação com o espaço, tempo e causalidade. Estamos diante de fenômenos que exigem um modo de observação, uma compreensão que lhes corresponda. Sobre estes fatos aceitos, o físico nada mais pode dizer, mas apenas o filósofo. Estas aceitações não podem mais ser atingidas pelas ciências naturais, mas ao mesmo tempo são o fundamento que as possibilita. (HEIDEGGER, 2001, p. 55)

Diferentemente do pensamento que é apresentado por outras abordagens, que focalizam o seu ponto de investigação no passado; o pensamento proposto por Heidegger traz como “prioridade” o que estaria por acontecer, num tempo considerado “futuro”. O que determina o que se faz no presente é o que virá acontecer no futuro. A eminência de algum acontecimento futuro faz com que o presente seja modificado de acordo com o que virá acontecer. Para o Dasein, esse acontecimento futuro fundamental é a morte, a finitude. A partir do momento que o homem tem a noção de finitude, de ser-para-morte, ele se temporaliza. O ser só consegue ser uma possibilidade, só consegue ver sentido naquilo que ele está sendo, porque algum dia ele pode deixar de ser. O ser apenas é porque pode não ser. O Dasein só pode se apropriar de si mesmo quando se depara com

o ser-para-morte. “o poder ser si mesmo próprio ocorre por um ato de apropriação do Dasein, numa decisão extrema, projetando-o na direção da morte que o totaliza” (NUNES, 2004, p.25). Essa “apropriação” da temporalidade pela noção de ser-para-morte ocorre em um âmbito ontológico.

### I. 3 - Memória

No pensamento heideggeriano o Dasein é sempre um ser-no-mundo. Ontologicamente o ser-ai é ser-no-mundo. O Dasein está lançado no mundo, ele é com o mundo, com o seu mundo. Dessa maneira, os outros entes, também neste mundo, vêm de encontro ao Dasein e este se relaciona com eles. Para Heidegger (2001)

O Dasein deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar de outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si.(p. 182)

Heidegger defende também a idéia de que, além do Dasein ser no mundo, ele é um ser histórico. Dasein é ser-no-mundo, o mundo constitui o ser. Este mundo é concreto e tem uma estrutura de mobilidade. Dessa maneira, o Dasein é tão marcado por essa mobilidade que ele tem uma história. O Dasein constitui uma historicidade. O Dasein compõe uma história assim como está presente em um mundo histórico também; mundo em que está num determinado tempo, numa determinada cultura e numa determinada sociedade.

É melhor dizer *poder-ser*, sempre no sentido poder-ser-no-mundo, do que falar em possibilidades como constituintes do Dasein. O poder-ser de cada caso é visto a partir de cada Dasein histórico, assim ou assim, no mundo. Histórico é o modo como me relaciono com aquilo que vem ao meu encontro, com o que está presente e com o que já foi. Todo poder-ser para com algo é um determinado confronto com o que foi e algo que vem ao meu encontro, para o que eu me decido. (HEIDEGGER, 2001, p. 181)

O Dasein está no mundo com uma história. O modo como se relaciona com as coisas que vem ao seu encontro e a maneira que ele está no mundo é atrelada a essa historicidade, com o que já foi e com o que vai vir a ser. “*Possibilidades*, no sentido existencial, são sempre um poder-ser no mundo histórico. Pelo modo como eu correspondo ao que vem ao meu encontro, eu vejo o presente e o passado.” (HEIDEGGER, 2001, p. 182)

O mundo presente é ordenado a partir de algo que ocorrerá no futuro. O presente é organizado pela iminência do que está por vir. Nisto, o passado não tem capacidade para se confrontar com essa preparação do presente. Por exemplo, na nossa vida cotidiana, nós só organizamos nosso tempo, contamos nossos dias e programamos os nossos afazeres porque no futuro sabemos que nossa vida terá fim. Então, em virtude de um

acontecimento futuro, no caso a morte, eu organizo minha vida, preparo ela no presente por saber que um dia ela terminará.

Sendo assim, o Dasein está lançado no mundo regado por uma historicidade onde o futuro é o que dita a “administração” do tempo. Sendo um ser histórico o Dasein tem um passado, tem uma história, e tem memória!

Para Heidegger (2001) a memória do Dasein não é um acúmulo de registro, não é um reter de informações apenas, ela é mais do que isso. A memória do Dasein mexe com suas experiências, com recordações que trazem de volta determinadas vivências, a memória do Dasein mexe com a temporalidade.

Memória tem duplo significado: “em memória” significa a lembrança de algo como guardar. O guardar é interpretado como armazenamento, inteiramente objetivado. Memória é o guardar de algo acontecido no mundo, na condição de abertura da existência humana. Se eu colocar uma carteira no armário isto não é guardar, nem é um processo da memória. A memória abre espaço para as recordações.

E com a memória vem os fenômenos do esquecimento e da recordação. Heidegger (2001) define formas diferentes de esquecimento, maneiras de como algo se retira, se oculta de nossa memória.

... o esquecimento é uma privação da lembrança de algo. Aqui memória como lembrança”

... esquecimento é, pois, a privação do reter. O reter, por sua vez, é uma forma própria da relação com o que eu me comporto. Não é um modo de lembrar, pois eu não preciso pensar constantemente em um nome que eu retenho. Aqui a memória como reter. (p. 188)

O primeiro tipo de esquecimento citado acima apareceria como uma falha da memória, com o pensamento em outras coisas acabaríamos privados da lembrança de algo. No segundo tipo seria como quando algo que queremos falar ou fazer não nos vem a mente, não nos ocorre. Esse não vir a mente é uma privação, o que queríamos escapa do reter, da memória.

Com essa concepção de esquecimento, Heidegger também desenvolve sobre a recordação, de como se daria a lembrança, na memória, para o Dasein.

Recordar é tornar presente algo que passou como alguma coisa experienciada por mim há um certo tempo. Quando me ocorre um nome esquecido isto não é uma recordação. Só seria uma recordação se o nome me ocorresse como algo que eu ouvi ou aprendi na época. Mas quando o

nome esquecido me ocorre meramente como nome, então isto é somente um tornar presente de novo. (HEIDEGGER, 2001, p. 190)

Heidegger diz que recordar é trazer de novo para o presente algo vivenciado anteriormente. Uma simples lembrança de algo que nos vem a mente não é recordar. Para ele a recordação é tornar presente o que foi vivido, o que foi experienciado no passado.

Como a memória não é um simples reter de informações, ela tem esse “movimento” de trazer de volta para o presente o que aconteceu no passado, e fazer com que reverencemos experiências passadas, e também estejamos lançados no mundo, organizando nosso presente pelo que vem do futuro. A memória do Dasein é dinâmica.

....a memória não é apenas um reter.....quando eu programo uma comemoração em memória de alguém. Não se trata apenas de não se esquecer aquele a quem algo foi dedicado, mas de que ele continua constantemente presente como aquele que co-determina meu Dasein , mesmo que não esteja mais vivo. Isto não é um simples reter.isto leva ao grande ser concernido pela totalidade da tradição na qual o Dasein se encontra....As recordações vivem se enfiando no nosso dia-a-dia. .. Reter é demasiado primitivo. A experiência de que eu me encontro numa tradição e de que cada chamado progresso é uma discussão com a tradição, para isto o mero reter é insuficiente. Deste modo o homem é histórico, quer as pessoas se dêem conta ou não, tudo é confrontação com a relação ao futuro. A teoria psicológica da memória refere-se apenas ao não-ter-presente no momento, não ter presente no respectivo instante. Também a representação da memória como um recipiente é um aparelho totalmente isento de história e de tempo.( HEIDEGGER, 2001, p. 233)

Estabelecido, assim, a posição de humano e mundo segundo Heidegger,será feita uma análise de uma representação desse homem através da expressão cinematográfica, utilizando-se o filme Efeito Borboleta (2004).

## Cap. II – Descrição do filme

O filme “Efeito Borboleta” começa com a seguinte citação: “O bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, provocar um tufão do outro lado do mundo”. Essa frase faz parte da formulação da teoria do caos. Segundo essa teoria existem fenômenos considerados caóticos, sem uma previsibilidade possível por cálculos matemáticos.

Depois de mostrada essa frase o filme começa com uma cena que se refere ao final da história, ela aparece novamente como uma das últimas cenas. O filme corre como uma retrospectiva, contando os fatos que ocorreram até se chegar naquela situação mostrada logo de começo.

A história do filme trata de contar a vida de um jovem, Evan, que aparentemente sofre de um misterioso problema de memória. Evan, em sua infância e adolescência, tem “blackouts” em alguns determinados momentos, e não se lembra do que acontece naquele espaço de tempo em que ele “apaga”, então, ele aparece em lugares fazendo coisas que as vezes não vê o porque daquilo pois não lembra o que aconteceu instantes antes. Uma das coisas recomendadas por seu médico para que esses episódios de perda de memória pudessem ser atenuados foi para Evan começar a escrever em um diário tudo o que ocorria em seu dia, para que depois pudesse lembrar e tentar acrescentar alguma coisa que fosse esquecida.

O filme começa mostrando que Evan mora apenas com sua mãe, que trabalha como enfermeira, em um bairro tranquilo onde faz parte de um grupo constituído por ele e mais três amigos próximos que se conhecem desde pequenos. Entre esses três amigos está Kayleigh, uma menina pela qual Evan é apaixonado desde criança.

O pai de Evan não mora com ele e a mãe, pois está internado em um hospital psiquiátrico. Evan chegou a ver o pai apenas uma vez em um encontro no próprio hospital. O problema de memória de Evan é sempre remetido a incidentes parecidos que ocorreram com o seu pai no passado, antes dele acabar tendo problemas psiquiátricos; problemas estes justamente por ele possuir o discurso de que poderia voltar no tempo e mudar o passado.

Assim como os pais de Evan, os pais de Kayleigh também são separados; ela e o irmão Tommy ficam morando com o pai sendo vizinhos de Evan. O pai de Kayleigh abusa sexualmente da filha, e Tommy apresenta um perfil muito violento ficando muito enciumado com o envolvimento romântico de Evan e Kayleigh. Tommy sempre faz brincadeiras cruéis, perigosas e provocativas. Entre essas brincadeiras, por exemplo, lhe ocorreu a idéia de colocar uma dinamite dentro da caixa de correio de uma casa. Essa brincadeira acabou provocando a morte de uma mulher e uma criança, moradoras da casa respectiva à caixa de correio. Esse foi um fato marcante para o grupo de amigos onde eles fogem para não serem pegos e Lenny, um dos meninos do grupo, acaba ficando em estado de choque. Nesse mesmo episódio, Evan tem um de seus “blackouts” e acaba não se lembrando da cena em que a dinamite explode. Por um tempo de sua vida ele fica sem saber o que de fato ocorreu nesse dia.

A infância de Evan se passa em torno de fatos como esses, muitas vezes trágicos, e por uma decisão da mãe eles acabam se mudando e Evan deixa seu grupo de amigos e Kayleigh para trás, mas sem esquecer esse primeiro amor. Esse é o fim da primeira parte do filme, depois disso aparece Evan em uma outra fase, já mais velho.

Evan, nesta segunda fase, está na faculdade fazendo curso de psicologia. Ele parece ser um aluno excelente, tendo contato mais próximo com um professor pelo fato de estar fazendo uma pesquisa sobre memória. Ele mora em um dormitório da faculdade com outro amigo com quem se relaciona muito bem. Certo dia eles resolvem sair para comemorar o sétimo ano de Evan sem os seus blackouts. Nessa saída, Evan conhece uma garota no bar e eles voltam juntos para o dormitório dele; por acaso a menina acha um dos diários de Evan e pede pra que ele leia uma das passagens escritas. Enquanto lia seu diário Evan teve a experiência de voltar para a cena do episódio que lia. Essa foi a primeira vez que aconteceu uma viagem no tempo de Evan.

Ao ler o seu diário e reviver os episódios de sua infância, Evan percebeu que ele revivia justamente as partes em que ele havia tido seus blackouts, e agora, depois de anos, conseguia visualizar o que havia acontecido. Com isso, Evan foi investigar para se certificar de que o que ele revivia era o que realmente tinha acontecido no passado. Nessa sua saga de investigar o passado, Evan acaba procurando por Lenny e Keyleigh. Mas esses reencontros não foram muito felizes. Evan se deparou com uma realidade dura

em que seus amigos se encontravam. Lenny havia ficado traumatizado desde a infância pelas cruéis brincadeiras de Tommy, e Keyleigh havia sofrido bastante com os abusos do pai, e quando Evan volta para buscar saber do passado, isso acaba reabrindo feridas em Keyleigh e logo depois do encontro com o amigo de infância ela acaba cometendo suicídio.

Evan fica muito perturbado com esse acontecimento, com a realidade que se encontravam seus antigos amigos. Por causa disso, Evan começa suas viagens no tempo através de suas lembranças escritas em seus diários, mas agora, não só revivendo episódios passados, mas, também, tentando modificar as coisas que tinham sido feitas para encontrar uma boa saída para todos. Evan descobre que seus diários eram a “máquina” que o impulsionava para o passado, e os seus antigos momentos de blackouts eram as “janelas” pelas quais ele voltava para as situações.

A partir disso, começam varias tentativas frustradas de Evan tentar resolver sua situação e a de todos a sua volta. Ao voltar no tempo e modificar suas ações, cada modificação gerava uma historia diferente no futuro. O filme mostra as diferentes realidades que essas mudanças do passado foram acarretando, que na maioria das vezes, eram catastróficas. Todas as realidades que eram geradas pelas mudanças do passado de Evan sempre traziam conseqüências ruins, algumas vezes para ele, outras para seus amigos e Keyleigh, e ele não conseguia lidar com tais fatos, sempre voltando no tempo para tentar corrigir o que lhe causava forte sofrimento. Evan não conseguia lidar com as difíceis situações de sua vida e percebeu que manipular o passado não significava controlar o futuro.

A cena exibida no inicio do filme, que aparece novamente no final, mostra Evan internado num hospital psiquiátrico por ter ficado muito perturbado por perder Keyleigh, mais uma vez, em uma de suas realidades vividas e por ter esse discurso, aparentemente ilusório, de que poderia mudar o passado e salvar a todos que estavam a sua volta, principalmente a menina que ele amava; discurso este, igual ao de seu pai quando tinha sido internado. Na sua ultima volta ao passado, Evan mudou de tal maneira seu futuro que não houve, em sua historia a partir daquilo, a existência de seus diários e, quando se encontrou no hospital psiquiátrico, ele não tinha mais sua “chave” que o possibilitava voltar no tempo. Seu ultimo recurso foi usar um vídeo caseiro, como lembrança, de uma

festa em sua casa que mostrava a primeira vez que via Keyleigh. Sua decisão ao conseguir assistir esse vídeo e voltar mais uma vez no tempo era se afastar de Keyleigh, viver como se nunca a houvesse conhecido, para que assim, suas histórias não se cruzassem causando tanta dor e sofrimento.

Assim termina o filme, com a decisão de Evan de abdicar da chance de conhecer a garota que ama para que suas vidas seguissem de maneira não trágica. Evan preferiu se privar de conhecer Keyleigh a viver com o sofrimento dos acontecimentos causados pelo encontro de suas vidas. Essa foi a escolha feita por Evan para salvar ele e as pessoas ao seu redor e a si próprio.

## **Cap. III – Análise do Filme**

### **III. 1 - Angústia, escolhas e incertezas**

O filme Efeito Borboleta traz em sua história a questão da maneira de como se lida com a temporalidade (com as viagens de Evan para o seu passado), da memória como possível acesso ao passado, das necessárias escolhas feitas durante a vida, das incertezas, do sofrimento frente às situações difíceis, da angústia. Com uma visão baseada na perspectiva fenomenológica serão destacados aqui, aspectos tratados no filme e feita uma análise desses assuntos.

O filme segue uma linha do tempo diferenciada, não cronológica, praticamente durante toda a história. Cenas do passado e, posteriormente, do presente e do futuro de Evan vão sendo encadeadas na trama da história de forma que, em cada momento, vão se configurando realidades diferentes. O enredo principal do filme fica nesse “jogo”, do protagonista Evan, com seu passado, presente e futuro em virtude das viagens através de suas memórias.

Evan lançado em sua realidade, no mundo que lhe é apresentado e do qual ele faz parte (ser-no-mundo), apresenta, no filme, uma grande dificuldade de lidar com os fatos que vão se acarretando em sua vida e, dessa forma, não conseguindo lidar com tais acontecimentos. Situações trágicas acontecem em sua história envolvendo, também, as pessoas ao seu redor, e ele não consegue lidar com tais situações difíceis arranjando uma saída inusitada para isso, de maneira que ele sempre tenta reverter as coisas que acontecem.

No filme, Evan descobre que tem o poder de transitar entre as dimensões temporais (passado, presente e futuro) e, além disso, ele possui a capacidade de mudar seu passado e, conseqüentemente, transformar o seu futuro. Com essa possibilidade de viajar no tempo, Evan se depara com a dificuldade, em outra perspectiva, de lidar com suas escolhas, já que a cada viagem ao passado ele muda uma decisão tomada. Em suas viagens no tempo ele sempre escolhe agir de uma maneira diferente, não encontrando uma possibilidade que resolva todos os seus problemas e, portanto, sempre voltando ao passado para mudar as suas atitudes novamente. Na vida de Evan fica explicitada a dificuldade de se fazerem escolhas e o poder que as decisões tomadas no

decorrer da vida têm de reverberarem em conseqüências futuras. “A decisão é uma escolha, e, se isso ocorre, angustio-me.” (NUNES, 2002, p.22). O filme mostra, de maneira clara, os diferentes rumos que a vida de Evan tomaria se ele tivesse agido diferente. Isso demonstra a força que as decisões com que nos deparamos na vida tem perante a nossa história.

Ser livre, ser poder-ser, possuidor de possibilidades e, com isso, ter a necessidade de fazer escolhas não é uma tarefa fácil para o Dasein. As escolhas que são feitas trazem, de certa forma, a angústia, o sofrimento.

(...) nós compreendemos que nossa vida nos é dada como um poder ser que não tem de ser, como um gesto de liberdade. Não é a liberdade de deuses, que decorre de sua onisciência e onipotência. Ao contrário, é a liberdade do que não é necessário. É a forma de liberdade que diz respeito a entes que, não precisando existir, contudo existem e, uma vez existindo, têm a responsabilidade pela existência, que é a oportunidade de realizar, de gestar significações, obras, tarefas, conhecimentos. (POMPÉIA, 2004, p. 80)

A partir do momento que o Dasein se apropria de si ele faz uma escolha e se responsabiliza por ela, deixando várias outras coisas de lado; ao deixar as outras possibilidades para trás o ser-aí se angustia. Além disso, nunca temos plena certeza nas escolhas que fazemos, pois quem irá lidar com elas será apenas nós mesmos. Escolhas apenas existem em virtude do Dasein ser um ser mortal, ter uma finitude, se o Dasein fosse eterno as escolhas não existiriam pois se teria tempo para tudo. “Em Heidegger, a angústia alcança esse mesmo fundo da existência como poder-ser, como possibilidade permanente da liberdade.”, sendo assim, “A angústia heideggeriana é vertigem da liberdade, porém mergulhando na finitude do Dasein.” (NUNES, 1992, p. 111, 112). Evan, com o seu poder de voltar no tempo, acaba, de certo modo, não lidando com a finitude das coisas, com o término de uma determinada possibilidade, pois os acontecimentos, as experiências vivenciadas e as suas decisões tomadas são passíveis de serem revividas e “reeditadas”. Dessa forma, Evan não lida com o desconforto de se esgotar por completo uma possibilidade, de ser um ser finito, pois ele sempre pode voltar no tempo e viver de novo, e assim, ele não se apropria de suas escolhas, de sua história.

A propriedade só se dá no horizonte da temporalidade. O Dasein é ser-aí, ele só consegue se responsabilizar por si mesmo no agora quando ele possui uma perspectiva de finitude. O Dasein se apropriando antecede-se a um momento futuro, em virtude de se

responsabilizar pelo que virá de suas decisões tomadas. Uma criança, por exemplo, não atinge a apropriação pois ela não consegue se antecipar perante o seu fim. A criança não tem a noção de que ela é um ser mortal e de que um dia sua existência terá fim, ela vive o tempo do agora apenas, e dessa maneira ela não se apropria pois, ela não se antecipa a um momento futuro. O ser-aí só se apropria quando se responsabiliza por ele mesmo, antecedendo-se de um momento futuro, de sua finitude.

No filme, Evan não se apropria de suas escolhas, das suas atitudes do passado, pois ele tem a possibilidade de sempre poder refazer o que foi feito, e dessa forma, ele não consegue seguir sua vida encarando a realidade que se apresenta à ele. Quando a realidade de Evan se torna muito difícil, ele recorre ao seu poder de voltar no tempo e tentar reformular sua história para que os momentos de dificuldade não apareçam, tentando assim, fugir da sua dor. A primeira vez que Evan recorre às suas viagens no tempo é quando Keyleigh se suicida logo após ter encontrado com ele, e Evan não consegue lidar com o fato de ter perdido a amiga e paixão de infância. “A morte se torna ainda mais perturbadora quando vemos que aquelas pessoas cujas vidas gostaríamos de preservar, talvez até mais que a nossa, podem morrer. A morte do outro aparece como uma perda.” (POMPÉIA, 2004, p. 82). A partir dessa primeira viagem no tempo, Evan fica numa contínua tentativa de fazer com que todos a sua volta, e principalmente ele e Keyleigh, fiquem bem. Com isso, Evan tenta, em todas as suas voltas ao passado, controlar as coisas que acontecem em sua história, buscando alterar, de maneira premeditada, o seu futuro. Mas ele vai percebendo, no decorrer da história, que as coisas vão fugindo de seu controle, que elas não são passíveis de serem manipuladas. As tentativas de mudanças que ele fez em seu passado fizeram com que ele vivesse situações como: morte de Keyleigh, se deparar com a mãe internada no hospital em estado terminal, ir para a cadeia após ter matado o irmão de Keyleigh, viver como um deficiente físico e tentar suicídio, até terminar internado em uma clínica psiquiátrica após a morte de Keyleigh em mais uma de suas diversas realidades constituídas por suas memórias. Com essas tentativas, aparentemente intermináveis, de tentar mudar seu passado toda vez que uma realidade cruel se apresenta, mostra que o personagem tenta se desvencilhar de momentos de profundo sofrimento, não conseguindo se apropriar de suas escolhas, decisões tomadas e, portanto, das conseqüências disso no decorrer de

sua vida. “Contudo, a angústia é um fenômeno que raramente ocorre pelo fato do homem cotidiano constantemente fugir de si mesmo, de sua angústia.” (Rehfeld, 1988, p.3)

Cada vez que Evan faz uma tentativa de voltar ao passado e mudar as coisas, ele se depara com as incertezas e aflições de sua vida. A história do filme mostra que, a partir do momento que ele toma a decisão de mudar uma atitude feita no passado e, dessa maneira, tenta controlar o que irá acontecer no futuro, ele se choca com a incerteza de não poder, nunca, prever o que irá de fato acontecer. Todas as mudanças feitas no passado de Evan geraram conseqüências dolorosas e trágicas. O personagem fica o filme todo numa busca cega pelo controle dos acontecimentos de sua vida e da das pessoas ao seu redor, mas ele vai percebendo que esse domínio é inalcançável.

A busca por um controle, por uma certeza, sempre traz uma certa tranqüilidade, uma comodidade. O filme mostra que, por mais que se tente controlar o curso da vida de alguém, sempre existem acontecimentos que fogem ao controle, e as decisões que se toma ao longo da vida vão criando os caminhos a serem seguidos.

### III. 2 – Temporalidade e Memória

O filme *Efeito Borboleta* traz como pano de fundo de sua trama o assunto da temporalidade e o jeito com que lidamos (ou o jeito como, muitas vezes, gostaríamos de lidar) com esta questão; e o aspecto da memória. O filme mostra a intensa jornada do protagonista Evan na tentativa de obter controle e manipulação do tempo, mas de uma forma diferenciada, demonstrando a possibilidade, no filme, de se fazerem viagens “concreta” através das dimensões temporais: passado, presente e futuro, podendo voltar no tempo e alterar o passado.

Na nossa vida cotidiana encontramos uma maneira de lidarmos com o tempo de forma controlada e de um jeito compreendido por todos em nosso mundo. Isto se daria pelo uso do relógio. Com o uso do relógio como um instrumento que controla o tempo tem-se uma forma de organização do tempo, todos os entes desse mundo estão encaixados nessa medida de tempo. Nós contamos as horas dos dias e, dessa forma, conseguimos ter uma certa previsibilidade dos acontecimentos. Por exemplo, sabemos que em uma determinada hora teremos um compromisso, programamos a que horas faremos algo. Essa organização nos dá uma segurança de quando as coisas irão acontecer. Mas se olhamos para o relógio e ele está parado, sabemos que o tempo não parou com ele, não é o relógio que controla o tempo. Vivemos tentando administrar os momentos de nossa vida, mas nem sempre isso é controlável. O tempo não para pelo relógio estar parado, por estarmos atrapalhados, ou por termos deixado de fazer algo, o tempo sempre passa. Nós estamos sempre passando também, porque Dasein é tempo. Dasein é temporalidade, ele não é estagnado. O ser-ai tem uma finitude, e a partir do momento em que nasce ele caminha para a morte, para o fim. “A substância do homem é a existência e o Dasein é temporal: existe temporalizando-se, entre nascimento e morte. Sem a temporalização nenhum Dasein seria, e sem o Dasein não haveria mundo.” (NUNES, 2002, p. 31)

Como diz Heidegger (2001) o tempo é unidimensional e sucessivo. O agora que passou não se repetirá novamente, não voltará a acontecer, se não o tempo precisaria andar para trás e isso ele não faz, o tempo passa.

No filme Efeito Borboleta essa condição do tempo de sempre caminhar para frente pode ser alterada, o curso do tempo pode ser modificado, coisa que não é possível concretamente em nossas vidas. A história como obra de ficção nos faz pensar em como as coisas aconteceriam se essas manobras no tempo fossem possíveis. O filme demonstra o quão forte é o desejo do personagem Evan de controlar o tempo e poder modificar o passado. O personagem principal do filme tem a expectativa de que alterando os acontecimentos passados de sua vida, graças à possibilidade de viajar no tempo, ele iria conseguir evitar situações indesejadas, de grande dor e sofrimento. Nós não temos essa possibilidade de mudar o passado, o tempo que passou não se repete novamente, e isso faz com que tenhamos de lidar com os acontecimentos ocorridos em nossas vidas, nos apropriarmos de nossas escolhas e vivermos com a incerteza do futuro.

Heidegger (2001) diz que as dimensões temporais são co-originárias, elas estão abertas para o Dasein, mas não equitativamente abertas. O Dasein é um ser histórico e possui memória, portanto, seu passado faz parte de sua constituição, está na maneira como ele se relaciona com o mundo que se apresenta. O passado é uma dimensão aberta para o Dasein, assim como o presente e o futuro, mas quando alguma das dimensões é referida, as outras não desaparecem. Podemos nos recordar de algo, ser atingido por lembranças, e quando isso acontece, nós não voltamos concretamente para o passado, não viajamos no tempo, mas trazemos experiências acontecidas, através do pensamento e da memória, para o tempo presente. As recordações fazem com que seja possível trazer vivências do passado para o presente. Ao recordar de alguma coisa estamos trazendo para o presente, através da nossa memória, do nosso pensamento, vivências que já se passaram. Por exemplo, quando se olha uma fotografia antiga e se é atingido por fortes memórias daquele tempo vivido tem-se a oportunidade de vivenciar novamente certas experiências. “A simples lembrança de algo não é recordar. Um tornar presente só pode ser chamado de recordar quando eu torno presente algo como algo que experienciei numa época.” (HEIDEGGER, 2001, p.191). As lembranças não são coisas que buscamos acessar racional e intencionalmente, elas é que nos atingem fazendo com que o passado seja trazido para o nosso presente. Assim como quando se olha uma foto, não se procura lembrar-se de coisas específicas e definidas, o que ocorre é que se é atingido pelas lembranças que surgem ao olhar tal imagem.

O presente sempre é relacionado a algo. Nenhum tempo presente se justifica a partir de si. O presente acontece “de acordo” com algo futuro e “graças” a uma história passada.

No filme Efeito Borboleta o personagem Evan ao recordar sobre seu passado lendo suas memórias em seu diário não traz suas lembranças para o presente, ele literalmente viaja no tempo e consegue ir para um tempo passado, podendo alterar suas atitudes tomadas. Pode-se fazer a relação de que a experiência que se tem ao recordar algo, a possibilidade de, através da memória, trazer para o presente vivências passadas, Evan faz concretamente. Ao recordar algo ele não traz as lembranças para o presente, e sim, viaja para o passado e, ao invés de resignificá-las no presente, ele as transforma no passado tentando alterar a interpretação e o sentido desses fatos. Evan materializa as viagens em suas lembranças, em sua memória, tentando modificar seu passado por causa de acontecimentos dolorosos do futuro. Portanto, o personagem fica alterando sua história, não resignificando suas memórias no presente, por querer mudar o sentido de suas atitudes para evitar certas situações futuras.

### III. 3 – A Culpa

A dificuldade perante a tomada de decisões, o sofrimento frente a certos momentos da vida e a maneira como aceitar o passado que ficou para trás e que não é passível de ser alterado são questões com as quais todos os homens se chocam. O Dasein é mortal. Sabemos que nossa vida terá um fim, apenas não sabemos quando, e nela temos que escolher, decidir o que será vivido e, dessa maneira, ir trilhando nossa história. A vida passa, e está a cada momento se encaminhando para a finitude.

A morte limita todas as possibilidades, e não as limita apenas lá no fim, quando ela ocorre. Ser mortal é ser limitado o tempo todo, é não poder ser tudo. Esse poder morrer, em cada um de nós, é muito aflitivo. (...) Mas a morte não é uma condição do futuro; ela pode ser a qualquer instante. (POMPÉIA, 2004, p. 79)

Sendo assim, o homem é responsável pelo seu ser, pelo que faz de sua existência. O caminho a ser seguido na vida do Dasein é decidido por ele mesmo, dessa maneira, se responsabilizando pelas suas atitudes e pelos acontecimentos vividos, ele terá que arcar com as conseqüências geradas no decorrer de sua história. “Poder existir é uma possibilidade que se renova a cada instante” (POMPÉIA, 2004, p. 81)

O Dasein, a partir do momento que se responsabiliza por suas escolhas, pelos seus atos, ele entra em contato com o sentimento de culpa. Culpa por ter agido ou não agido, por ter transformado ou não algo ou si mesmo. Assim que o Dasein se responsabiliza ele é culpado de algo.

Ela (a culpa) é vivida como um sentimento muito íntimo, às vezes escondido ou disfarçado no meio de outros sentimentos. Com ela vem também o remorso. É aquele se molestar insistentemente com pensamentos e sentimentos desagradáveis, uma sensação de que alguma coisa não foi como devia e a gente tem algo a ver com isso. Esse sentimento pode ser mais preciso ou mais difuso, pode não ser identificado com clareza, mas traz sempre um mal-estar. (POMPÉIA, 2004, p. 89)

Pode-se dizer que o personagem Evan tenta, ao máximo, no filme, fugir desse desconforto, desse mal-estar, dessa frustração que a culpa traz. Evan não é capaz de suportar as conseqüências que foram acarretadas pelos seus atos, e assim, ele usa-se de sua capacidade de voltar no tempo para modificar atitudes tomadas no passado e, dessa forma, não se apropriando de suas ações feitas. Ao não se apropriar de seu passado, Evan não precisa se deparar com o sentimento de culpa, pois suas ações são passíveis de serem refeitas literalmente, voltando ao passado.

O filme demonstra, em sua trama, o quão relacionado estão as atitudes de Evan e o mundo que o cerca. Dasein é ser-no-mundo, e dessa forma, suas atitudes estão embrenhadas num enredo de significados e sentidos que estão no mundo.

A culpa é vivida como alguma coisa íntima, mas ela não se esgota na intimidade do si mesmo. A culpa existe em relação a algo, e esse algo sempre diz respeito ao mundo. Os atos e as omissões humanos têm um desdobramento de significados, de conseqüências. (POMPÉIA, 2004, p. 90)

Evan não suporta viver com o sofrimento de certas situações, que englobam ele mesmo e as pessoas próximas a ele, e assim, ele foge da culpa de, no passado, ter sido responsável por certas atitudes geradores de tais realidades. Por isso, Evan fica nesse intenso jogo de voltar ao seu passado e tentar modificá-lo para, assim, transformar seu futuro; mas ser responsável não significa ser a causa de algo. Evan, em suas viagens dentre as dimensões temporais, tenta manter viva a tentativa de controle que ele pretende ter sobre a história de sua vida e a da vida das pessoas que o cercam. Esse é o projeto de Evan, tentar controlar o caminho trilhado por essas histórias. Tendo esse projeto, esse desejo de controle e querer fazer, dessa maneira, com que todos fiquem bem, Evan acaba se frustrando com as situações que vão se acarretando, pois ele vai percebendo que esse controle não é possível de ser alcançado, e que a realidade que ele planeja é sempre muito diferente do que a que se apresenta.

Entre o sonho e o que a realidade mostra pode haver grande distância. Posso perceber que aquilo que desejo ou sonho para as coisas, para as pessoas, para mim, não é o que se passa realmente. Talvez o fato de eu reconhecer essa distância me cause tristeza, raiva, frustração, e não necessariamente culpa. A culpa se instala quando sinto que meu modo de ser ou de ter sido, o que faço ou o que não faço, ou seja, a realidade que vejo em mim distanciou-se do sonho que tenho em relação a mim de poder ser de outra forma. Olho para o meu ato e vejo que ele não condiz com a pessoa que eu gostaria de ser. (POMPÉIA, 2004, p. 94)

Evan passa o filme inteiro tentando contornar a tristeza causada pela distância que existe entre a realidade que se apresenta e o que ele havia planejado, e quando ele percebe que as coisas não deram certo, ele se lança, mais uma vez, para suas viagens no tempo.

As voltas ao passado de Evan seriam a demonstração de seu arrependimento acerca de determinadas atitudes tomadas por ele. Evan tenta fugir da culpa sentida por não ter agido do jeito que gostaria para que as coisas ficassem bem para todos, não aceitando esse sentimento, não se responsabilizando pelas suas atitudes, e, dessa

maneira, não agindo de acordo com o que desejava. Pelo fato de Evan estar sempre voltando ao passado e reeditando suas ações mostra que ele, de certa forma, não se responsabiliza pelas conseqüências de seus atos, e assim, não se apropriando das escolhas que tinha feito porque ele pode voltar e mudar seu passado, não tendo que conviver com as conseqüências geradas. “(...) como meus atos têm conseqüências que afetam o que está ao meu redor, vou sentir que, pelo que fiz ou pelo que não fiz, fiquei também em dívida para com o mundo.” (POMPÉIA, 2004, p. 95) Evan vai percebendo intensamente o que foi citado por Pompéia (2004), que as suas atitudes afetam a ele e a todos que estão ao seu redor, suas escolhas são relevantes, até quando ele decide não escolher, isso é uma escolha, e não agir é também uma atitude.

A culpa pela qual Evan tenta se distanciar é aquela que mostra a diferença entre o que se gostaria de ter sido, daquilo que se havia desejado, e o que se é vivido de fato. “A culpa só pode ser sentida porque ali havia também um desejo de que pudesse ter sido diferente” (POMPÉIA, 2004, p. 110)

Segundo Pompéia (2004), o homem se perde também quando fica preso no buraco que a culpa abre, se afundando cada vez mais nele e não conseguindo ver mais nada. A integridade do Dasein começa a ser recuperada quando ele aceita que houve a falta, admitindo-a como coisa que lhe diz respeito e sendo capaz de ver que, se ele consegue sentir essa falta, é exatamente porque ele é capaz de sonhar que poderia ser diferente. Ao perceber isso, o Dasein se aproxima de sua humanidade, cuja inteireza comporta tanto a falta como o desejo de que as coisas se realizem.

Evan passa o filme inteiro não aceitando sentir essa falta, sentir a culpa, o desconforto e o mal-estar gerados por ela. Dessa forma, Evan vai restringindo, cada vez mais, a sua vida, pois ele não consegue deixar que ela siga em frente, sempre tentando arrumar as coisas do passado. A vida do personagem vai ficando cada vez mais cerceada, ele não consegue se apropriar de seu passado, e assim, não se permitindo viver, pois não consegue deixar sua vida seguir em frente mesmo com as dificuldades.

(...) algo tão humano e que tem tantos significados, além de ser apenas uma experiência desconfortável. Se conseguirmos que o outro chegue perto desse desconforto ligado à idéia do erro, do pecado ou do mal por ter magoado alguém, ferido, destruído alguma coisa, favoreceremos que ele integre esse sentimento como parte de si mesmo: é dele esse sentimento, é ele quem vive isso, é pessoal. (POMPÉIA, 2004, p. 91)

Ao tentar fugir dessa culpa, desse desconforto, Evan está fugindo de si mesmo, não aceitando parte dele mesmo, pois a culpa faz parte de cada um de nós. Dessa maneira, Evan perpetua uma fuga constante no filme, e não consegue viver o que o mundo lhe apresenta.

Dessa incapacidade de conviver com o desconforto e o sofrimento, de integrar a culpa, Evan, de certa forma, vai deixando de viver, essa é a escolha feita por ele. Evan escolhe, de determinada maneira, deixar de viver, ele abdica viver o amor, a amizade. A parte final do filme mostra a última viagem no tempo feita por Evan em que ele decide mudar sua atitude em relação à Keyleigh, escolhendo por afastá-la de sua vida. Com essa escolha, Evan renega viver o amor com Keyleigh e a amizade com outras pessoas por não conseguir, em certa altura de sua vida, se deparar com momentos de dor e sofrimento. Evan percebe que a única saída para não sofrer é não viver, não viver o amor de Keyleigh retirando-a de sua vida.

A culpa, a angústia, as incertezas e o sofrimento sempre estarão presentes em nossas vidas, não tem como vivermos sem que eles apareçam. Essas vivências não são confortáveis, elas trazem mal-estar e frustração. Mas esses são sentimentos que são nossos, acontecem em nossa vida e, portanto, fazem parte de nós. Ao nos aproximarmos dessas vivências, entramos em contato com nós mesmos, nos apropriamos de nossa história. Ter culpa é afirmar seu espaço dentro da realidade, se responsabilizar pelos seus atos é ter poder. Nós nem sempre conseguimos ser o que planejamos e desejamos, e nunca vamos conseguir controlar totalmente o rumo de nossas vidas, mas para que possamos viver precisamos encarar certos momentos de dor e incerteza.

## **Cap. IV - Considerações finais**

O homem está sempre em interação com o mundo, sendo apresentado para o que o cerca sendo chamado para uma diversidade de coisas. O mundo dos dias atuais, mais do que nunca, nos apresenta a uma infinidade de estímulos e novidades, dessa forma, estamos lidando com um tempo sempre rápido e muito corrido, onde estamos sempre cheio de afazeres.

Em nosso cotidiano desenvolvemos uma estreita relação com o relógio, ele é o instrumento pelo qual nos organizamos e administramos nosso tempo. O relógio seria uma demonstração da necessidade do homem de ter algum certo controle sobre as coisas, sobretudo com o tempo.

O homem tem que lidar com o tempo de maneira que ele, o homem, tome conta de sua existência, afinal, ela não será eterna; seu tempo um dia acabará. Cuidar de sua existência implica, também, em ter de fazer escolhas e se responsabilizar por elas. O Dasein é um ser mortal, e lidar com sua mortalidade é angustiante e traz sofrimento. Nós não somos capazes de voltar no tempo e refazer a nossa história, portanto, temos que decidir o tempo inteiro o que faremos de nossa vida antes de sua finitude.

O presente trabalho pretendeu discutir questões como essas de temporalidade, angústia, sofrimento, dificuldade perante as escolhas; tão presentes na vivência humana. A reflexão de tais questões se deu a partir da expressão cinematográfica do título Efeito Borboleta (2004), em que através de uma obra de ficção pode-se evidenciar aspectos tão humanos como os tratados neste trabalho.

A história do protagonista do filme mostra a dificuldade de se apropriar de suas ações feitas no passado e arcar com as conseqüências que vão se acarretando com isso, ainda mais quando elas são cheias de momentos dolorosos. A saída encontrada é a de voltar no tempo e fazer tudo de novo. Tal saída parece ser uma boa possibilidade de se resolverem os problemas, mas essa alternativa acaba demonstrando-nos o quão cerceadas vão ficando as nossas vivências quando não nos apropriamos delas, e assim, não nos responsabilizando pelas conseqüências que elas trazem.

Muitas vezes em nossas vidas pensamos que as coisas seriam muito diferentes se tivéssemos agido de outro modo, e imaginamos o que aconteceria se nos fosse dada a possibilidade de voltar no tempo e refazer, mudar o que aconteceu. O filme em questão ilustra esse nosso desejo de, muitas vezes, querer mudar o passado. Mas o filme também traz outros aspectos que nos deram a possibilidade de analisar o quão empobrecidas ficariam as nossas vivências se elas fossem passíveis de serem revividas literalmente, e que o sofrimento é constitutivo de nossa história, não se é possível viver sem que ele apareça uma hora ou outra, não dá para ficarmos fugindo e evitando continuamente as situações difíceis de nossa vida.

O filme mostra que mesmo tendo a possibilidade de voltar no tempo, não se é possível conseguir o controle total sobre os acontecimentos da própria vida e da das pessoas ao redor. Por mais que o ser humano fique em busca de cada vez mais controle, nunca será possível alcançá-lo completamente. Nossa vida é “baseada” em incertezas; as escolhas trazem desconfortos pois, nunca temos certificações prévias e, a cada escolha que fazemos renunciamos outras várias possibilidades.

Pode-se concluir com a análise feita neste trabalho que, sofrimento, incertezas e angústia sempre estarão presentes em nossa vida, não se é possível viver sem que elas apareçam, e ao tentarmos evitá-las nos privamos de muitas outras vivências. Mas ao nos apropriarmos de nossas atitudes, escolhas, e assim, responsabilizar-nos pela nossa história, entramos em contato com sentimentos que são nossos, apenas nós mesmos que sentimos, e se permitir sentir tais sentimentos faz com que integremos essas experiências, a nossa história.

## Cap. V - Bibliografia

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**, ed. Medard Boss: tradução Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**, tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAY, Rollo. **A descoberta do ser**, Ed. Rocco, Rio de Janeiro: 1993

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético: Filosofia e poesia em Heidegger**, ed. 2, São Paulo: Ática, 1992

NUNES, Benedito. **Heidegger e Ser e Tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004

POMPÉIA, João Augusto. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. João Augusto Pompéia e Bilê Tatit Sapienza, São Paulo: Educ; Paulus, 2004

REHFELD, Ari. **À Angústia** In: DICHTCHEKENIAN, Maria. (org.) **Vida e morte: ensaios fenomenológicos**. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 1988